



EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA
TRANSFORMAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TECIDOS HISTÓRICOS

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA
TRANSFORMAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TECIDOS HISTÓRICOS

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

MARIA DO CARMO RIBEIRO
Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho, Investigadora do CITCEM e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Doutorada em Arqueologia, na especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Território, pela Universidade do Minho. A sua investigação tem-se centrado nas questões de urbanismo, morfologia urbana, arqueologia da arquitectura e história da construção.

ARNALDO SOUSA MELO
Professor Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho, Investigador do CITCEM. Doutorado em História da Idade Média pela Universidade do Minho e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. O seu campo de investigação incide sobre a sociedade, economia, poderes e organização do espaço urbano medieval, em particular a organização do trabalho e da produção, incluindo a história da construção.

OUTROS TÍTULOS DE INTERESSE:

História da Construção - Os Construtores
Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro (coord.)

História da Construção - Os Materiais
Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro (coord.)

Construir, Habitar: A Casa Medieval
Manuel Sílvio Alves Conde

Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia
Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo (coord.)

EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA
TRANSFORMAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TECIDOS HISTÓRICOS

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO



EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA TRANSFORMAÇÃO MORFOLÓGICA DOS TECIDOS HISTÓRICOS

COORD.
MARIA DO CARMO RIBEIRO
ARNALDO SOUSA MELO

FICHA TÉCNICA

Título: Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos

Coordenação: Maria do Carmo Ribeiro, Arnaldo Sousa Melo

Figura da capa: Detalhe do *Mapa das Ruas de Braga*, Ricardo Rocha, 1750, Arquivo Distrital de Braga.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
IEM – Instituto de Estudos Medievais (FCSH – Universidade Nova de Lisboa)

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8612-05-2

Depósito Legal: 357874/13

Concepção gráfica: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Braga, Abril 2013

O CITCEM é financiado por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/HIS/UI4059/2011

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	
Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo	5
<i>Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração</i>	
Manuela Martins e Maria do Carmo Ribeiro	11
<i>O Processo Urbano de Évora. Séc. I a.C. – séc. XV</i>	
Gustavo Silva Val-Flores	45
<i>Tarraco. Morfología y trazado urbano.</i>	
Ricardo Mar y Joaquín Ruiz de Arbulo	63
<i>La ciudad en las Partidas: edificaciones y apostura urbana</i>	
Juan A. Bonachía Hernando	91
<i>Operaciones de implantación de prestigio en la ciudad medieval en los siglos XV y XVI en Valladolid, Salamanca y Segovia. Análisis de sus significados y cambios urbanos producidos</i>	
José Miguel Remolina Seivane	119
<i>Urbanismo medieval asturiano a fines de la Edad Media. Financiación y gestión del espacio público, entre la tradición medieval y la modernidad (Oviedo, siglos XV-XVI).</i>	
María Álvarez Fernández	141
<i>Para o estudo do mercado imobiliário do Porto: o Tombo do Hospital de Rocamador de 1498</i>	
Luís Miguel Duarte	167
<i>O papel dos sistemas defensivos na formação dos tecidos urbanos (Séculos XIII-XVII)</i>	
Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo	183

<i>Transformações no sistema defensivo medieval de Barcelos</i>	
António Pereira	223
<i>‘Grant fortuna del mar’: construcciones portuarias y espíritu emprendedor en las villas portuarias de la España atlántica en la Edad Media</i>	
Jesús Ángel Solórzano Telechea, Fernando Martín Pérez e Amaro Cayón Cagigas ..	245
<i>A ação das estruturas portuárias na urbanização do Porto tardo-medieval.</i>	
Helena Lopes Teixeira	273
<i>Indícios e evidências de integração morfo-funcional na paisagem urbana de Braga (Sécs. XVI-XVIII)</i>	
Miguel Sopas de Melo Bandeira	291
<i>Ourense: permanencia e transformaci3es nunha cidade galega</i>	
Anselmo L3pez Carreira	315

EM TORNO DA RUA VERDE. A EVOLUÇÃO URBANA DE BRAGA NA LONGA DURAÇÃO¹

MANUELA MARTINS²

MARIA DO CARMO RIBEIRO³

1. INTRODUÇÃO

A análise da evolução urbana de Braga entre a sua fundação romana e a época atual tem sido objeto de alguns trabalhos, elaborados com diferentes detalhes e objetivos, através dos quais foi abordada a sequência de ocupação da cidade⁴ e sobretudo as grandes alterações que caracterizaram a sua morfologia urbana, entre os períodos romano e medieval⁵, entre este e o século XVIII⁶, bem como as grandes transformações que afetaram o tecido urbano bracarense no século XIX⁷. Um estudo mais consistente e aprofundado da evolução urbana de Braga entre a época romana e o século XVI foi produzido mais recentemente,⁸ tendo por base os dados fornecidos

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do Projeto PTDC/HIS-ARQ/121136/2010, financiado pela FCT e pelo Programa COMPETE, intitulado “*Paisagens em mudança. Bracara Augusta e o seu território (séculos I-VII)*”.

² Professora Catedrática do Departamento de História da Universidade do Minho; responsável da Unidade de Arqueologia; investigadora do CITCEM: Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes (Pest – OE/HIS/UI4059/2011) mmmartins@uaum.uminho.pt.

³ Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade do Minho; investigadora do CITCEM: Agrupamento Paisagens, Fronteiras e Poderes (Pest – OE/HIS/UI4059/2011) mcristeiro@uaum.uminho.pt

⁴ Oliveira *et al.* 1982.

⁵ Martins e Fontes 2010: 111-124; Fontes *et al.* 2010: 255-262; Fontes 2011: 313-334; Martins *et al.* 2012: 29-68; Fontes 2012a: 443-474; 2012b.

⁶ Bandeira 2000; Maurício 2000; VVAA 1989-91.

⁷ Analisadas no âmbito da tese de doutoramento de Miguel Bandeira (2002).

⁸ Ribeiro 2008, Vol. I e II. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito de um projeto financiado pela FCT (Projeto POCTI/HAR/46459/2002), com o título “*Da Braga romana à Braga medieval. A transformação de uma paisagem urbana*”.

pela arqueologia e pelas fontes históricas, iconográficas e cartográficas, no qual se procurou caracterizar as sucessivas formas urbanas da cidade romana, alto e baixo imperial, tardo antiga, bem como as suas sucessoras medieval e moderna.

Apesar dos trabalhos existentes, que abordam quase sempre a totalidade do tecido urbano de Braga nos diferentes períodos, continuam por fazer análises mais detalhadas do modo como evoluiu a estrutura urbana da cidade romana entre o projeto fundacional e a tardo antiguidade, estando igualmente por valorizar no pormenor a evolução do quadrante nordeste da cidade romana, o único que persistiu ocupado nos períodos posteriores (Fig. 1).

Este trabalho representa um contributo para uma análise mais fina da evolução morfológica da cidade de Braga na longa duração, centrando-se num setor que corresponde à periferia ocidental da cidade medieval, a qual está representada pelo eixo viário conhecido, entre a Idade Média e o século XIX, como Rua Verde/Couto do Arvoredo e áreas limítrofes. A escolha desta área resulta do facto da referida rua corresponder na sua génese ao traçado da parte norte do cardo máximo da anterior cidade romana, bem como ao tramo inicial da via XIX, que viria a ser integrado no espaço intramuros, definido pela muralha do Baixo-Império. Trata-se de uma via que foi documentada arqueologicamente, quer na sua original configuração romana, quer na sua posterior feição medieval e moderna, constituindo o único eixo viário de origem romana que perdurou até ao século XIX, momento em que foi cortado pela implantação da parte sul da atual Rui Frei Caetano Brandão. Várias escavações realizadas em diferentes imóveis da referida rua permitiram entretanto detetar vestígios relacionados com os quarteirões residenciais romanos que se distribuíam ao longo da via na época romana, ocupados por *domus* e outros edifícios, que foram evoluindo entre a sua primitiva ocupação alto imperial e a tardo antiguidade. Uma vez que possuímos informação arqueológica relevante sobre os quarteirões romanos que se situavam a nascente e poente do cardo máximo e que este eixo persistiu no traçado viário da cidade de Braga até épocas recentes, correspondendo à rua poente do antigo Bairro das Travessas, entendeu-se que seria importante analisar a evolução sofrida pelo parcelamento associado à rua, tendo-se recorrido para o efeito a fontes iconográficas e cartográficas da época moderna e do século XIX, a que nos referiremos no ponto seguinte.

Assim, este trabalho tem por objetivo caracterizar as transformações urbanas ocorridas na área envolvente do cardo máximo, que persistiu na conhecida Rua Verde/Couto do Arvoredo, tendo em vista verificar as continuidades e descontinuidades do tecido urbano romano no posterior traçado medieval da parte ocidental do Bairro das Travessas, verificar a evolução da urbanização da Rua Verde/Couto do Arvoredo, entre a época medieval e moderna e avaliar os impactos da abertura, no século XIX, da parte sul da R. Frei Caetano Brandão, a qual cortou o anterior eixo viário.



Fig. 1. Representação das áreas ocupadas pelas cidades romana e medieval sobre fotograma de 1948.

Na prática, pretende-se proceder a uma análise detalhada da morfologia urbana do quadrante nordeste da cidade romana que dará origem à parte sul da cidade medieval e moderna, tendo em vista compreender os processos dinâmicos que determinaram a reconfiguração urbanística da cidade de Braga relativamente ao seu original traçado romano.

2. FONTES E METODOLOGIA

2.1. As fontes

2.1.1 As fontes arqueológicas

A área abordada neste trabalho, centrada em torno de um eixo viário estruturante da cidade romana, o cardo máximo norte, que persistiu no traçado de Braga até ao século XIX, constitui um dos setores melhor conhecidos da cidade romana,

em resultado de várias intervenções realizadas no âmbito do “Projeto de Bracara Augusta”, as quais forneceram dados relevantes para caracterizar a sua ocupação ao longo do tempo (Fig. 3).

Uma dessas intervenções foi realizada no logradouro do antigo Albergue Distrital⁹, onde se situa atualmente a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (Fig. 3), local onde foram detetados vestígios associados aos limites da via romana, que seria ladeada pelos pórticos que se dispunham ao longo das fachadas das habitações que ocupavam os quarteirões limítrofes deste importante eixo da cidade romana. As escavações permitiram identificar igualmente as alterações sofridas pelo eixo viário, que se tornou mais estreito na tardo antiguidade, tendo sido documentados vestígios de calçada associados à sua utilização nas épocas medieval e moderna. Sob a rua foi ainda identificada uma grande cloaca, que corria ao longo de toda a via. Uma outra intervenção, realizada no edifício correspondente aos nºs 183-185 da R. Frei Caetano Brandão¹⁰, permitiu identificar os silhares que assinalam o pórtico de uma outra habitação, os quais definiam o limite nascente da via (Fig. 3). Uma terceira escavação teve lugar no edifício da Escola Velha da Sé¹¹ e permitiu detetar um conjunto de silhares que definiam o pórtico nascente de uma outra *domus*, parcialmente escavada (Fig. 3). Os referidos silhares definem o limite poente do cardo máximo.¹² Finalmente, uma quarta intervenção arqueológica, de carácter mais circunscrito, realizada na R. Frei Caetano Brandão nº154,¹³ permitiu exumar vestígios da cloaca que corria sob o cardo máximo, a qual revela aí uma ligeira inclinação para nordeste.

2.1.2. As fontes documentais

As fontes históricas utilizadas para analisar o setor em estudo neste trabalho consistem num conjunto de documentos produzidos pela instituição religiosa bracarense. Na realidade, a informação arquivista mais antiga existente para Braga foi produzida no âmbito da Arquidiocese, essencialmente pela Mitra e pelo Cabido da Sé Primacial de Braga, que se assumiram como os grandes produtores e autores da documentação escrita para o período medieval mas, também, para os períodos posteriores¹⁴.

⁹ Lemos e Leite 2000: 15-38.

¹⁰ Leite *et al.* 2013.

¹¹ Intervenção realizada pelo Gabinete de Arqueologia da Camara Municipal de Braga. Agradece-se ao Dr. Armandino Cunha, responsável pela intervenção arqueológica o acesso aos dados da escavação.

¹² Magalhães 2010.

¹³ Intervenção realizada pelo Gabinete de Arqueologia da Camara Municipal de Braga. Agradece-se ao Dr. Armandino Cunha, responsável pela intervenção arqueológica o acesso aos dados da referida escavação.

¹⁴ Ribeiro 2008 I: 195-198.

Entre as fontes selecionadas para este trabalho encontram-se o *1º Livro do Tombo do Cabido*, referente ao período entre 1369 e 1380¹⁵, o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*¹⁶, que cobre o período entre 1406 a 1905 e os *Livros dos Prazos das Propriedades do Cabido*, referentes ao período entre 1465 e 1517.¹⁷

Produzidos com fins administrativos, estes documentos reportam-se basicamente às propriedades que o Cabido da Sé de Braga possuía na cidade. Apesar de fornecerem informação indireta acerca das características urbanas, permitem extrair dados relacionados com os diferentes espaços urbanos, nomeadamente ruas, praças e largos, identificando o seu topónimo e a sua localização no plano urbano, tendo como referências os espaços ou edificações mais emblemáticas, como as portas e postigos da muralha, os locais relacionados com a atividades comerciais ou os ofícios. Estes documentos fornecem, igualmente, dados acerca do parcelamento e do uso diferenciado do solo referenciado às ruas, nomeadamente à habitação, identificando diferentes tipos de casas mas, também, serventias e logradouros¹⁸. Apesar da grande dificuldade em georreferenciar a propriedade urbana com base na informação escrita, o seu cruzamento com as restantes fontes permite uma aproximação às características do tecido urbano em torno do eixo medieval da Rua Verde, usado para caracterizar a morfologia das cidades medieval e moderna (Figs. 7 e 8).

2.1.3. As fontes iconográficas

A cidade de Braga foi uma das contempladas pela tendência renascentista de ilustrar os espaços urbanos, integrando a obra *Civitates Orbis Terrarum*, de Georg Braun e Franz Hogenberg, publicada na cidade alemã de Colónia, entre os anos de 1572 a 1618¹⁹, na qual se integra a gravura intitulada de *nova Bracararum Avgvste descriptio* que terá sido produzida no ano de 1594, constituindo a primeira ilustração geral conhecida para a cidade, vulgarmente designada por *Mapa de Braunio*. Pese embora o facto de não se tratar de um mapa no sentido topográfico do termo, esta ilustração fornece pormenores relativos ao tecido urbano de Braga no século XVI, o qual consideramos igualmente válido para a morfologia da cidade medieval²⁰.

¹⁵ Este documento pertence ao Arquivo Distrital de Braga e foi criticamente datado entre 1369-1380 por Avelino Jesus da Costa (1997-2000).

¹⁶ Publicado conjuntamente com o 2º volume do Mapa das Ruas de Braga (VVAA 1989-/91: Vol. II).

¹⁷ Documentos pertencentes ao Arquivo Distrital de Braga. Transcrição paleográfica gentilmente cedida pela Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira.

¹⁸ Ribeiro 2008, I: 195-198; II: 65-70.

¹⁹ Bandeira 2000.

²⁰ Ribeiro 2008, II: 50-52.

Entre as inúmeras informações que o *Mapa de Braunio* fornece destacam-se as que se relacionam com o sistema viário intramuros, nomeadamente para o setor da cidade em análise neste trabalho. Este corresponde, na generalidade, ao mesmo que se encontra ainda representado, três séculos mais tarde, na planta topográfica de 1883/84, sendo coincidente, quer com o rol de ruas do século XIV, referidas no 1º Livro do Tombo do Cabido, quer com as fontes iconográficas e cartográficas posteriores.

Uma outra ilustração da cidade de Braga, produzida no século XVII, corresponde a uma planta colorida, de autor desconhecido, que integra um álbum onde estão representadas mais 38 povoações portuguesas²¹. Contudo, a fidelidade morfológica da representação é reduzida, apresentando claras deformações planimétricas, permitindo, todavia, quando comparada com o *Mapa de Braunio*, documentar o processo de crescimento da cidade. Para o setor urbano em análise neste trabalho destaca-se o aumento do espaço construído, nomeadamente através do maior número de parcelas edificadas na parte sul da Rua Verde.

O século XVIII foi bastante profícuo na produção de iconografia, sendo de destacar o *Mappa das Ruas de Braga*²² e o *Mappa da Cidade de Braga Primas*, da autoria do arquiteto bracarense André Soares.²³

O denominado *Mappa das Ruas de Braga*, habitualmente designado pela sigla MRB, é um documento de inestimável valor iconográfico e cadastral, elaborado em 1750, pelo Padre Ricardo Rocha, a mando do arcebispo, com o objetivo de registar os bens patrimoniais do Cabido da Sé de Braga. Trata-se de um livro que retrata um elevado número de espaços de circulação da Braga setecentista, onde se encontram representados os alçados das construções anexas às ruas, bem como aos largos ou praças, que compunham o espaço urbano. A versão utilizada neste trabalho²⁴ consiste numa reedição e ampliação publicada pelo Arquivo Distrital de Braga, composta por dois volumes, o primeiro publicado no ano de 1989 e o segundo no ano 1991. Esta versão, para além de divulgar o documento original²⁵ apresenta uma análise da relação existente entre as propriedades assinaladas como pertencentes ao Cabido e a informação documental existente acerca das mesmas, designadamente a constante dos *Índices dos Prazos das Casas do Cabido*, que cobrem o período entre 1406 a 1905. Esta fonte permite conhecer os alçados das casas pertencentes à Rua Verde/Couto do Arvoredo e às ruas envolventes, em

²¹ Nunes 1994.

²² VVAA 1989-91, Vol. I.

²³ André Rybeiro Soares da Silva, 1755 (?) *Mappa da Cidade de Braga Primas*, s/escala, s/cota, Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

²⁴ VVAA 1989-91, Vol. I.

²⁵ O primeiro volume é composto por 60 fólios e 19 páginas prévias.

meados do século XVIII e obter dados relativos à largura e altura das fachadas, medidas em varas e seus submúltiplos.

O *Mappa da Cidade de Braga Primas*, datado de meados do século XVIII, possui uma escala aproximada de 1:2000, que assegura a relativa proporcionalidade dos elementos representados, tentando conciliar a escala com a perspectiva, apresentando rigor na projeção visual tridimensional do espaço urbano, com evidente sentido estético²⁶. Através da sua análise é possível obter informação acerca da urbanização setecentista da Rua Verde/Couto do Arvoredo e área envolvente.

2.1.4. As fontes cartográficas

As primeiras representações cartográficas rigorosas para Braga datam do século XIX e estão representadas pela planta executada pelos militares Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel, na escala de 1/4000 e pelo mapa da autoria de Francisco Goullard, na escala 1/500, realizado entre 1883/1884.

A primeira planta constitui um levantamento rigoroso e geométrico do espaço urbano bracarense oitocentista, possibilitando uma leitura topográfica precisa do plano da cidade. Considerando as poucas alterações morfológicas ocorridas no espaço intramuros desde o século XVI, conforme se pode observar pela análise comparativa com o *Mapa de Braunio*, esta planta representa o primeiro documento sobre o qual podemos cartografar rigorosamente o plano medieval de Braga, nomeadamente o setor em análise neste trabalho. Destaque-se, que esta planta constitui a única representação cartográfica rigorosa da Rua Verde, anteriormente à sua alteração ocorrida em finais do século XIX. O documento é, todavia, pouco elucidativo quanto ao parcelamento, pois representa o espaço construído como uma mancha contínua que acompanha as vias de circulação, sem que haja uma individualização das parcelas construídas²⁷.

Já o mapa da autoria de Francisco Goullard, na escala 1/500, realizado entre 1883/1884²⁸ assume maior relevância para a análise do urbanismo oitocentista, pois, para além do sistema viário, regista os quarteirões, o parcelamento, o edificado e o uso diferenciado do solo, anteriormente às grandes transformações urbanísticas dos finais do século XIX, que romperam, em definitivo, com o traçado urbano da Braga renascentista, herdado do período medieval²⁹. No entanto, a parte sul da Rua

²⁶ Ribeiro 2008, II: 49-65.

²⁷ Ribeiro 2008, II: 56-58.

²⁸ Planta à escala 1/500, composta por 32 folhas, pertencente à Câmara Municipal de Braga, instituição a quem agradecemos a sua cedência em formato digital.

²⁹ Ribeiro 2008, II: 60-62.

Verde, apresenta já nesta fonte as características morfológicas que decorrem das alterações de finais do século XIX.

Finalmente refira-se que o suporte cartográfico usado como base digital corresponde ao levantamento topográfico de 1992.

2.2. A metodologia

A análise da evolução urbanística de uma cidade, na longa duração, é uma tarefa complexa que exige o manuseamento de dados de diferente natureza, fornecidos pela arqueologia, pela documentação histórica, pela iconografia e pela cartografia. No entanto, não basta juntar as referidas fontes para que se torne evidente qualquer plano urbano, sendo necessário produzir informação nova a partir da interpretação realizada com base na valorização dos diferentes tipos de testemunhos. Por outro lado, importa referir a necessidade de utilizar uma metodologia de análise regressiva, tendo por base a cartografia rigorosa mais antiga, que, no caso de Braga, data do século XIX, Falamos, naturalmente das primeiras plantas topográficas, que permitem conhecer o traçado da trama viária e do parcelamento, que embora caracterizando o urbanismo oitocentista, podem ser usadas para interpretar as anteriores cidades da Baixa Idade Média e Moderna. Também em relação ao parcelamento cabe destacar a utilização da importante fonte representada pelo *Mapa das Ruas de Braga* (MRB), que assinala o grau de urbanização dos diferentes eixos viários bracarenses em meados do século XVIII.

Assim, o exercício que procurámos desenvolver neste trabalho contemplou o uso de distintas fontes em diferentes períodos, cuja articulação se encontra representada na figura 2.

Para caracterizar a morfologia urbana da cidade romana e tardo antiga foram usados como fonte principal os dados arqueológicos disponíveis, resultantes das intervenções referidas no ponto 2.1 e como fontes secundárias a fotografia aérea e a cartografia atual de Braga, datada de 1992. Foram também as fontes arqueológicas que potenciaram a abordagem da morfologia alto medieval de Braga, em articulação com a planta topográfica do século XIX, da responsabilidade de B. Garcez e M. Maciel, a qual fornece a morfologia da cidade num período anterior às grandes transformações que a mesma sofreu na 2ª metade do século XIX. A restituição da morfologia baixo medieval teve como fontes principais a planta topográfica de B. Garcez e M. Maciel, para a restituição do traçado viário e o MRB (*Mapa das Ruas de Braga*) do século XVIII para a análise do parcelamento. Como fontes secundárias utilizou-se a documentação histórica disponível e a iconografia, em particular o conhecido *Mapa de Braunio*, de 1594, o qual nos fornece uma imagem da urbanização do setor analisado. As mesmas fontes serviram para

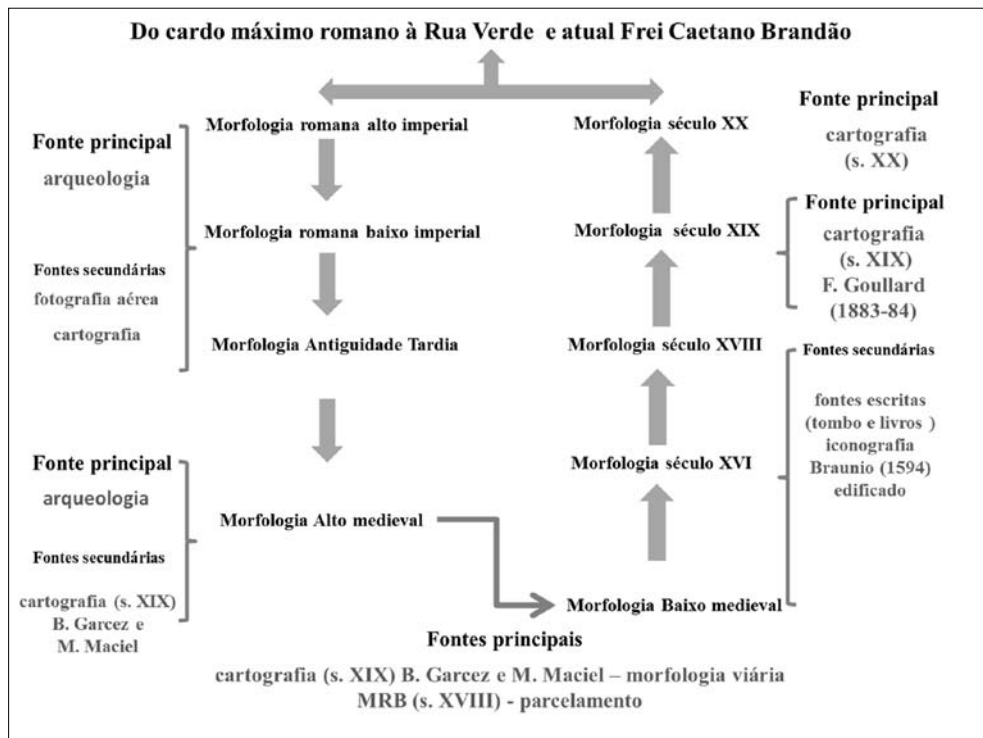


Fig. 2. Esquema da metodologia com indicação das fontes utilizadas

caracterizar a morfologia da cidade moderna, entre os séculos XVI e XVIII. Na análise da morfologia urbana do século XIX privilegiou-se como fonte principal a planta topográfica de Francisco Goullard, datada de 1883-84, que nos fornece ainda o traçado original da Rua Verde, mas que tem já projetada a abertura da parte sul da R. Frei Caetano Brandão, que destruirá a Rua do Couto do Arvoredo, facto que implicou igualmente o arrasamento do edificado que se dispunha ao longo do referido eixo viário.

3. A EVOLUÇÃO URBANA DE BRAGA: DO CARDO MÁXIMO À RUA VERDE/COUTO DO ARVOREDO

3.1. O urbanismo romano

A fundação da cidade romana de *Bracara Augusta* inseriu-se no contexto da organização política e administrativa da Hispânia, que se sucedeu ao fim das guerras cantábricas, constituindo um dos três centros urbanos criados por Augusto no NO

peninsular³⁰. Face aos dados históricos e ao dossier epigráfico disponível parecem-nos possível admitir que a cidade tenha sido fundada entre 16 e 15 aC., tendo provavelmente conhecido um processo de povoamento anteriormente aos anos 5 e 2 aC, altura em que está já documentada a existência de um corpo cívico que se referenciava pelo nome da cidade (*bracaraugustanus*), parecendo igualmente certo que a área urbana teria então já sido objeto dos necessários rituais fundacionais que antecediam o início das atividades construtivas.

As inúmeras intervenções arqueológicas realizadas nos últimos 36 anos na cidade de Braga forneceram um conjunto de dados muito significativos que permitem caracterizar o traçado fundacional da cidade³¹, o urbanismo da época imperial³², bem como a sua evolução até aos séculos V-VII³³, sendo de destacar igualmente os dados disponíveis que permitem articular o urbanismo com as infraestruturas urbanas, com a arquitetura pública e privada, com a economia e com a vida cívica da cidade romana³⁴.

A arqueologia demonstra que *Bracara Augusta* sofreu contínuas transformações urbanísticas e arquitetónicas entre a sua fundação e a Antiguidade Tardia, as quais constituem um reflexo do dinamismo e da capacidade económica da cidade ao longo de séculos.

3.1.1 A morfologia alto imperial

Como cidade fundada *ex novo* *Bracara Augusta* foi objeto de uma planificação ortogonal que configurou uma cidade de planta perfeitamente retangular, com uma área de cerca de 29,85Ha. A cidade teria como eixo maior, no sentido N/NO-S/SE, cerca de 10 módulos de 156 pés (1560 pés = 461.76 m), o que equivaleria a cerca de 2,5 estádios romanos e no sentido E/NE-O/SO cerca de 14 módulos (2184 pés = 650,30 m), correspondente a 3,5 estádios.

Pouco sabemos sobre o *forum* da cidade, cuja localização é sugerida pela interpretação global da *forma urbis*, pelo aparecimento de elementos arquitetónicos de grandes dimensões³⁵ e por uma referência contida no mapa de Braunio, que o situa nas imediações da capela de S. Sebastião, junto ao atual Largo Paulo Orósio (Fig. 3), que constituía a área mais elevada da cidade. Apesar dos escassos dados disponíveis, e por razões topográficas, julgamos que deveria desenhar um retângulo,

³⁰ Martins 2009: 181-211.

³¹ Martins *et al*, no prelo.

³² Martins 2009: 181-211; Martins *et al* 2012: 29-68.

³³ Ribeiro 2008 I: 292-312; Fontes *et al* 2010: 255-262; Fontes 2011: 313-334; Martins *et al* 2012:29-68; Fontes 2012a: 443-474; 2012b.

³⁴ Martins *et al* 2012: 29-68.

³⁵ Ribeiro 2010: 326-328.

com o eixo maior disposto no sentido N/NE-S/SO, podendo ter-lhe sido reservada a área correspondente a 3 quarteirões, no sentido do comprimento, por dois de largura. O recinto foral possuiria assim um comprimento máximo de cerca de 450 pés (133,45m) e uma largura de 294 pés (87,17 m).

Os limites do *forum* estão representados pelos eixos principais, correndo o *cardus maximus* a nascente e o *decumanus maximus* a norte. Para além da parte norte do cardo máximo estão arqueologicamente documentados outros *cardines* e *decumani* menores, cuja largura média é de 12 pés. Por sua vez, e à luz dos dados disponíveis, os quarteirões residenciais possuiriam áreas construídas de 120 pés (1 *actus*), que incluíam os espaços reservados aos pórticos, que registam em média 12 pés de largura.

Tendo por base a documentação disponível tudo aponta para uma grande regularidade da malha urbana de *Bracara Augusta*, definida pela uniformidade dos seus quarteirões e pela dimensão semelhante das ruas e dos pórticos que constituem um elemento característico do urbanismo da cidade alto imperial.

A parte conhecida do cardo máximo corresponde ao seu setor norte, tendo sido detetada em três intervenções arqueológicas descontínuas que permitiram confirmar a orientação desta importante via da cidade. A sua existência deixa-se perceber a partir dos alinhamentos dos silhares dos pórticos, identificados nas escavações realizadas na zona do ex Albergue Distrital (Fig. 3)³⁶ dispostos a nascente e poente da rua, que possui uma largura de 7,24 m (24 pés). Na zona arqueológica que se situa imediatamente a sul (Fig. 3), foi possível detetar também alguns silhares que integraram o pórtico de uma *domus*, construída na época flávia,³⁷ cujo alinhamento assinala a parte nascente da via. O mesmo acontece na zona arqueológica da Escola Velha da Sé (Fig. 3), que forneceu silhares de assentamento da colunata de um pórtico situado a nascente de uma outra *domus*, igualmente de cronologia flaviana.³⁸

Num momento que podemos situar entre Cláudio e Nero foi construída no eixo do cardo máximo uma grande cloaca, que acompanhava toda a via, uma vez que foi detetada numa intervenção realizada na Rua Frei Caetano Brandão nº 154, oferecendo aí já um desalinhamento relativamente ao eixo da rua. Assim, tendo por base a extensão da cloaca, podemos estimar que o cardo máximo se desenvolvia, no seu troço norte, ao longo de cerca de 625 pés (185,125 m), valor que corresponde à medida romana de 1 *stadium*.

³⁶ Magalhães 2010: 67-77.

³⁷ Lemos e Leite 2000: 15-38; Magalhães 2010: 60-61.

³⁸ Magalhães 2010: 50-51.

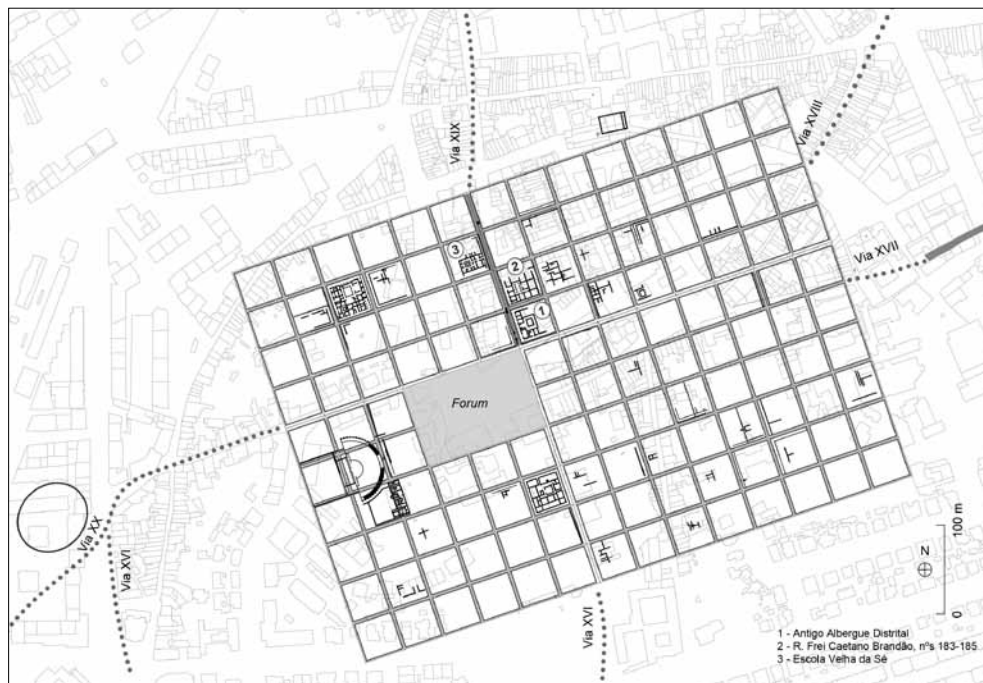


Fig. 3. Malha urbana de *Bracara Augusta* no Alto Império.

Apesar das evidências associadas aos limites da parte norte desta via, não encontramos vestígios que possam ser claramente associados ao seu pavimento romano, o que poderá dever-se à circunstância desta artéria ter continuado a ser utilizada até ao século XIX, muito embora fosse então ligeiramente mais estreita.³⁹ As sucessivas repavimentações da via não deixaram registo estratigráfico, sendo possível atribuir ao período medieval os restos de calçada documentados na escavação da zona arqueológica do Ex Albergue Distrital.

3.1.2 A morfologia baixo-imperial

Tudo leva a crer que a morfologia alto imperial permaneceu na traça da cidade romana do século IV. Essa ideia resulta do facto de se terem observado intervenções construtivas em vários quarteirões residenciais e em edifícios públicos, que mantêm a orientação dominante dos eixos viários do período anterior. Na verdade, trata-se de intervenções relacionadas com a remodelação de espaços termiais⁴⁰, que

³⁹ Ribeiro 2008, I: 416-420.

⁴⁰ Martins 2005.

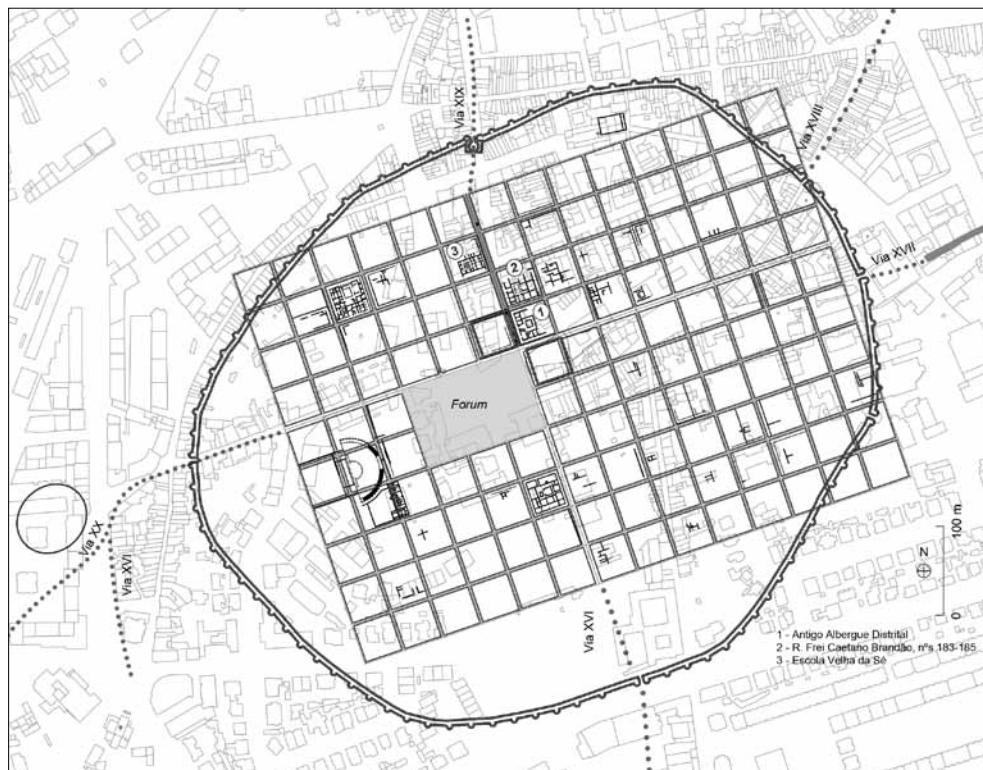


Fig. 4. Estrutura urbana de *Bracara Augusta* no Baixo-Império.

se inscrevem na estrutura dos quarteirões alto imperiais e, no caso das *domus*, de remodelações que se caracterizaram pela introdução de banhos privados, associados a uma reorganização dos espaços do interior das casas, que se ornamentam de mosaicos e pinturas murais.⁴¹ Estas alterações construtivas fizeram-se acompanhar pelo encerramento dos pórticos, num processo de clara privatização dos espaços públicos, onde se terão instalado as *tabernae*, que anteriormente se integravam nas fachadas das habitações.⁴² As casas teriam assim ganho mais espaço, necessário à inclusão de áreas termais no seu interior.

A grande maioria das remodelações assinaladas teve lugar entre finais do século III/ inícios do IV, momento em que *Bracara Augusta* foi promovida a capital da Galécia e objeto de um programa militar de fortificação.⁴³ A robusta muralha, com torreões semicirculares, irá abraçar a periferia construída (Fig. 4), designadamente

⁴¹ Magalhães 2010.

⁴² Este processo tem sido documentado noutras cidades hispânicas, designadamente em *Emerita*, onde se admite a integração das lojas na própria estrutura das casas (Alba 2002:371-396).

⁴³ Lemos *et al.* 2001: 121-132; Lemos *et al.* 2007: 329-341.

os bairros artesanais que se dispunham do setor poente e sul⁴⁴ e o complexo comercial/religioso que se desenvolveu no setor nordeste, durante o Alto Império.⁴⁵

O novo estatuto político da cidade será certamente responsável pelo dinamismo construtivo que se observa a partir de finais do século III/IV, persistindo ao longo do século IV, documentado por reformas nos edifícios públicos, designadamente nas termas do Alto da Cividade⁴⁶ mas, também, em numerosas habitações. O século IV regista assim uma grande continuidade urbanística e arquitetónica relativamente ao período anterior, pese embora a possibilidade dos grandes edifícios de espetáculos, como o teatro⁴⁷ e o anfiteatro, poderem ter sido abandonados até finais do século.

Ao longo do século IV a única alteração da trama urbana aparece sinalizada pela privatização dos pórticos e sua inclusão nas habitações.⁴⁸ No entanto, apesar da continuidade estrutural e funcional do urbanismo alto imperial, não podemos deixar de referir que será nesta centúria que se criarão as condições que irão influenciar o desenvolvimento de uma nova paisagem urbana que emerge e se afirma nos séculos seguintes. Referimo-nos à generalização do cristianismo, com impacto cultural, mas também topográfico, uma vez que a primeira basílica paleocristã da cidade será construída intramuros, entre finais do século IV/inícios do V, reaproveitando um anterior edifício civil, situado no local onde se ergue a Sé catedral.⁴⁹ Também a construção da muralha, que implicou a abertura de portas nos eixos das principais vias urbanas, acabou por determinar o início de um processo de alteração de algumas artérias da cidade que, a termo, terão sido desafetadas à circulação viária, permitindo o avanço da construção sobre os seus espaços, processo bem documentado na topografia da cidade tardo antiga.⁵⁰

O cardo máximo persistiu no Baixo-império como um dos eixos principais da cidade, tendo na sua parte norte integrado parte do que seria, no período anterior, o traçado periurbano da via XIX (Fig. 4). Essa parece ser a razão pela qual este eixo viário configura dois segmentos distintos, um orientado segunda a malha urbana fundacional e outro com um desvio de cerca de 3° NE, configuração que persistirá na morfologia da Rua Verde /Couto do Arvoreda até ao século XIX. A referida orientação encontra-se comprovada pela localização da porta norte da muralha que, ao invés de se abrir no eixo do primitivo cardo máximo, se encontra centrada relativamente ao segmento que teve a sua génese na parte do traçado da via XIX que viria a ser integrada intramuros pela construção da muralha.

⁴⁴ Martins *et al.* 2012.

⁴⁵ Martins *et al.* 2012.

⁴⁶ Martins 2005.

⁴⁷ Martins *et al.* 2006; Martins *et al.* no prelo.

⁴⁸ Martins *et al.* 2012.

⁴⁹ Fontes *et al.* 1997-98: 137-164; Fontes 2011; 2012a; 2012b.

⁵⁰ Fontes *et al.* 2010.

3.1.3 Transformações *tardo antigas*

A arqueologia documenta que a partir do século V/VI *Bracara*, então capital do reino suevo e lugar central do cristianismo do noroeste peninsular (*Sedis Bracarensis*),⁵¹ conheceu um conjunto de alterações urbanísticas que conduziram a prazo ao desaparecimento do urbanismo romano original, determinado por mudanças na utilização funcional dos espaços nalguns setores da cidade, designadamente, na área situada a poente do *forum*, onde antes se encontravam instalados importantes equipamentos públicos ligados ao ócio, designadamente umas termas, abandonadas entre inícios/meados do século V e um teatro, que poderá ter deixado de funcionar ainda no século IV.⁵² Paralelamente ao abandono dos edifícios públicos verifica-se uma reutilização dos seus espaços por novas construções, com funcionalidades distintas, como as que foram erguidas em áreas limítrofes do teatro, ou que aproveitam alguns espaços do mesmo. Trata-se de construções de carácter doméstico e artesanal, que rompem completamente com a lógica da malha ortogonal anterior, ainda dominante no século IV, revelando também características construtivas bastante diferenciadas das conhecidas para o Baixo-Império.⁵³

Noutros setores da cidade observa-se uma clara tendência para construir em áreas que correspondiam a antigos eixos viários, os quais, deixando de funcionar, fazem pressupor uma reorganização da malha dos quarteirões residenciais, que terá caracterizado a cidade até pelo menos aos finais do século IV/ meados do V.⁵⁴

Os dados arqueológicos documentam também alterações na arquitetura privada, com construção de estruturas que parecem deformar a tradicional articulação entre os espaços de residência e de representação das *domus*, processo certamente articulado com a simplificação dos programas técnicos e ornamentais que caracterizavam as habitações ainda durante o século IV e talvez mesmo parte do V. Na prática, julgamos que a partir do século V deverá ter desaparecido a clássica *domus*, como forma de residência da elite urbana.⁵⁵ Embora as evidências arqueológicas disponíveis para este período sejam limitadas, tudo aponta para uma mudança das características das habitações, que se devem ter tornado mais pequenas, facto que deve associar-se a uma alteração das condições de vida e, a partir de finais do século VI, à perda de importância política da cidade, com o fim do domínio suevo e a sua integração no reino visigodo, após a invasão e saque de Braga, em

⁵¹ Fontes 2011: 316.

⁵² Martins *et al.* no prelo.

⁵³ Ribeiro *et al.* no prelo.

⁵⁴ Fontes *et al.* 2010.

⁵⁵ Situação semelhante parece ocorrer em *Emerita*, no mesmo período (Mateus Cruz e Caballero Zoreda 2011:511).

585, por Leovigildo.⁵⁶ *Bracara* manteve contudo a sua importância religiosa, como sede metropolitana eclesiástica da *Gallaecia provinciae*, facto que assegurou a sua continuidade como núcleo urbano.

Tendo por base os dados arqueológicos sabemos que o cardo máximo se torna mais estreito neste período, acompanhando o processo de avanço da construção sobre as ruas, documentado em vários locais da cidade⁵⁷ e que permaneceram ocupados os quarteirões limítrofes. Julgamos que a persistência do traçado deste eixo viário se relaciona com a articulação da cidade com o território rural a norte, garantida pela continuidade do funcionamento do traçado da antiga via XIX, que seguia para Lugo, por *Tude*, em cujas imediações se construiu, no século VI, o mosteiro de Dume, ordenado pelo bispo São Martinho e, no século VII, o de São Salvador de Montélios, por iniciativa do bispo S. Frutuoso.⁵⁸

A arqueologia documenta uma intensa ocupação no quadrante nordeste da antiga cidade romana entre os séculos V-VII, contraposta a uma progressiva rarefação e ruralização na restante área da cidade. A referida concentração parece claramente articulada com a afirmação do um novo polo administrativo e religioso, vinculado ao poder episcopal na cidade, que se consolidará a partir da construção da catedral e do respetivo complexo episcopal, situado na periferia nordeste,⁵⁹ num claro voltar costas ao anterior centro de poder romano, representado pelo *forum*.

3.2. O urbanismo medieval

3.2.1. A morfologia alto medieval (séculos VIII-X)

Os dados arqueológicos documentam que uma parte significativa do núcleo urbano romano se tenha convertido em área rural a partir do século VIII, em benefício de uma clara concentração populacional no quadrante nordeste da anterior cidade romana e de uma dispersão por zonas periféricas da antiga *urbs* romana, onde ao longo dos séculos V-VII se ergueram novos edifícios de culto cristão, que funcionarão como polos agregadores da população, nomeadamente em S. Pedro de Maximinos, S. Vicente e S. Vítor.⁶⁰

Os tumultos provocados pelas primeiras incursões muçulmanas, a partir de 711, terão ditado o abandono da cidade por parte das autoridades eclesiásticas, muito embora as implicações urbanísticas dessas investidas permaneçam ainda por

⁵⁶ Fontes 2011: 316.

⁵⁷ Fontes *et al.* 2010.

⁵⁸ Fontes 2011: 313-334; 2012a: 443-474; 2012b.

⁵⁹ Fontes 2009a; Fontes *et al.* 2010: 255-262.

⁶⁰ Fontes 2009a: 272-295; Fontes *et al.* 2010: 255-262.

determinar do ponto de vista arqueológico. No entanto, as iniciativas documentadas do bispo Odoário, na segunda metade do século VIII,⁶¹ bem como a reunião em Braga de uma cúria régia, onde esteve presente Afonso III, rei das Astúrias,⁶² apontam no sentido de que Braga se terá mantido nesse período conturbado como centro urbano e religioso, com uma população residente ainda significativa.

Por sua vez, a integração da cidade no processo de reorganização do território da região bracarense, empreendida pelos reis asturianos e leoneses nos séculos IX e X, que, segundo as fontes restauram e delimitam a cidade, em 873, e confirmam a sua posse ao metropolitano Flaviano Recaredo, em 905-910,⁶³ poderá ter estado na origem da definição de um novo perímetro defensivo da cidade, que definirá uma área urbana bem mais pequena, basicamente correspondente ao conhecido bairro medieval das Travessas. Enquanto a norte se terá mantido em uso o pano da muralha romana do Baixo-Império, que sabemos em utilização ainda no século XIII,⁶⁴ a sul, terá sido construída uma nova cerca, até ao momento apenas documentada arqueologicamente nas escavações da Escola Velha da Sé. A nova área urbana possuía uma dimensão modesta que não ultrapassaria os 15 Ha.

A parte norte da muralha integrava a porta que articulava o anterior *cardo* máximo com a antiga via XIX, cujo traçado permitia a ligação aos vales dos rios Cávado e Homem, seguindo para norte até *Limia*.⁶⁵ Por sua vez, o novo tramo da muralha, construído a sul, terá deixado extramuros a área correspondente ao antigo *forum* romano, situado a sudoeste, bem como o antigo *decumanus* principal que corria no sentido E/O (Fig. 5).

Os dados arqueológicos permitem admitir que a primitiva catedral, construída segundo o modelo basilical de tradição cristã⁶⁶, terá conhecido diversas remodelações, uma das quais, datável dos séculos IX-X, que terá consolidado a sua forma retangular, com orientação E/O, com três naves e uma porta rasgada na fachada sul. Este templo, só viria a ser substituído por um outro, de traça já românica, que o bispo D. Pedro mandou erguer no decurso da segunda metade do século XI.⁶⁷

As escavações realizadas até ao momento no espaço ocupado pela cidade no período alto medieval registam para o período posterior ao século VII numerosos saques de muros de edifícios públicos e privados que terão caracterizado o tecido urbano da cidade baixo-imperial, certamente para obtenção de pedra necessária às

⁶¹ Costa 1965: 44-51; 1997: 48.

⁶² Fontes 2009a; 2011: 313-334.

⁶³ Costa 1965: 33-38.

⁶⁴ Fontes *et al.* 1997-98: 137-164.

⁶⁵ Fontes 2011: 313-334.

⁶⁶ Rodrigues *et al.* 1990: 173-188; Fontes *et al.* 1997-98: 137-164.

⁶⁷ Fontes *et al.* 1997-98; Fontes 2009a; 2011.

novas construções. No entanto, o registo arqueológico disponível é particularmente omissivo relativamente às características das construções desse período, bem como à própria estrutura urbana, com exceção do eixo viário constituído pela denominada Rua Verde/Couto do Arvoredo, eixo estrutural da morfologia da cidade neste período. Esta ausência de informação decorre da natureza das intervenções realizadas no atual centro histórico, que incidem, na maior parte dos casos no miolo dos atuais quarteirões, que evoluíram a partir da morfologia medieval, não deixando de constituir um indicador de que a ocupação dos mesmos poderia já organizar-se segundo um parcelamento característico do período medieval, estruturado ao longo das ruas, associando-se a casas, muito provavelmente térreas, com pequenos quintais traseiros (eixidos), características das cidades medievais portuguesas.⁶⁸

Muito embora os primeiros dados objetivos acerca do sistema viário medieval, bem como da forma dos seus quarteirões, datem do século XIV, resultando do cruzamento dos dados fornecidos pelo *1º Livro do Tombo do Cabido* e pelo *Mapa de Braunio*, parece-nos possível admitir que neste período estaria já ultimada a estrutura morfológica básica que viria a caracterizar o conhecido bairro medieval das Travessas.

Através da sobreposição do sistema viário romano com os arruamentos medievais, identificados a partir da topografia do século XIX, é possível propor algumas hipóteses explicativas relativas ao processo de formação do plano urbano alto medieval e definir as suas principais características. Assim, ao nível da morfologia urbana, identificam-se duas alterações principais relativamente aquela que caracterizava a cidade romana neste setor (Fig. 5), uma relacionada com a estrutura viária e outra com a forma dos novos quarteirões.

Relativamente à estrutura viária verifica-se uma redução do número de ruas que corriam no sentido E/O, passando a existir apenas uma artéria com essa orientação, que irá corresponder à Rua das Travessas. Já o número de eixos orientados N-S permanece praticamente idêntico ao dos antigos *cardines* menores da cidade romana, assinalando-se na parte norte apenas mais um eixo viário. Todavia, apenas a Rua Verde/Couto do Arvoredo decalca inteiramente o traçado de uma rua romana, na circunstância o *cardo* máximo na sua configuração baixo-imperial. A sua inclusão na topografia da cidade medieval deverá relacionar-se com o facto de se articular com uma porta aberta na parte conservada da muralha romana que, tal como já referimos, se manteve em funcionamento até aos finais do século XIII/inícios do século XIV. As escavações arqueológicas realizadas na área da

⁶⁸ Ferreira e Grenville 2003:359-389; Ferreira 2004: 127-142; Conde 2011: 80-81.

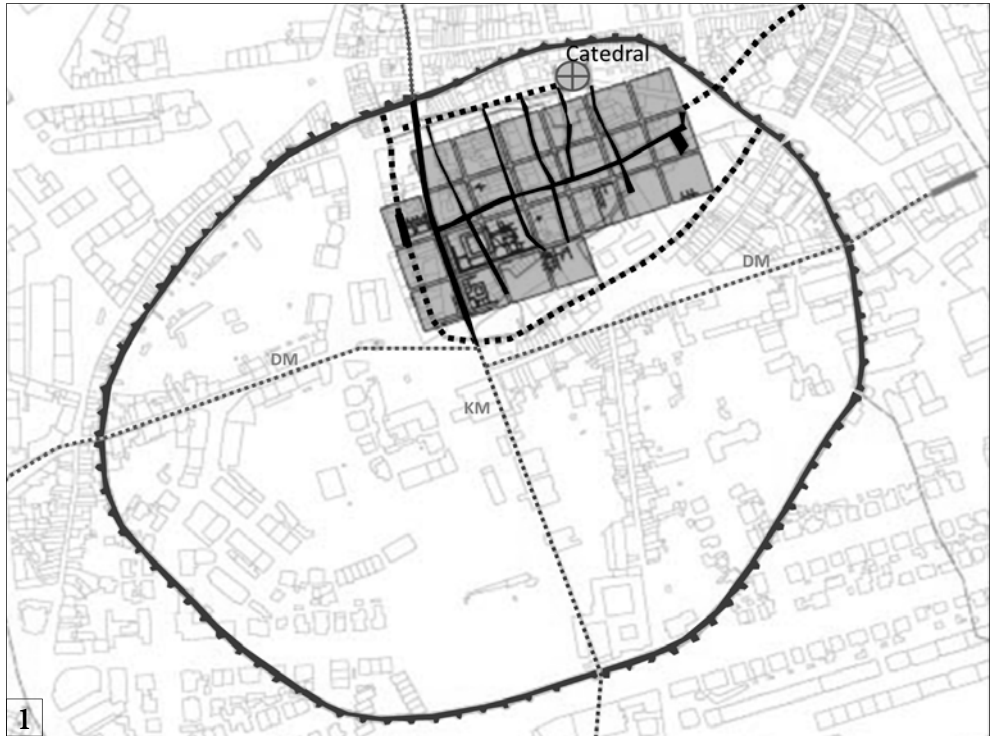


Fig. 5.
1. Alterações morfológicas de Braga na Alta Idade Média;
2. Principais arruamentos e quarteirões.

porta da muralha⁶⁹ permitiram identificar uma calçada medieval, que julgamos corresponder ao prolongamento daquela que foi identificada nas escavações do ex Albergue Distrital.⁷⁰ Todos os outros eixos viários se encontram desfasados dos eixos romanos, muito embora mantenham a lógica da sua orientação. Na verdade, julgamos que as novas vias que caracterizam o traçado medieval se estruturaram por processos de fragmentação dos antigos quarteirões romanos, que vão perdendo a sua topografia original devido ao avanço da construção sobre os eixos de circulação, processo documentado arqueologicamente em vários setores da cidade, entre os séculos V-VII. Esta característica do urbanismo tardo antigo, que revela um dinamismo organicista, acabará por condenar a estrutura morfológica da cidade romana, que se reconfigura com a abertura de novos espaços de circulação, descentrados dos antigos eixos viários, mas que mantêm a sua orientação geral, muito embora apresentem traçados sinuosos e não retilíneos.

A outra alteração morfológica, decorrente da primeira, relaciona-se com a estrutura dos quarteirões, genericamente retangulares, que correspondem, no sentido N-S, a uma agregação das áreas dos antigos quarteirões romanos, com o desaparecimento dos decumanos que os separavam na morfologia romana original (Fig. 5.2).

Na estrutura da cidade que se organiza entre os séculos VIII-X cabe destacar a importância do eixo viário mais ocidental, herdeiro do *cardo* máximo romano, representado pela Rua Verde/Couto do Arvoredo, que se articulava com duas portas, uma a norte, já referida, e outra a sul que assegurava a ligação da cidade com *Cale*.

3.2.2. A morfologia baixo-medieval (séculos XI-XV)

A importância eclesiástica e política que a cidade de Braga readquiriu no século XI, nomeadamente com a sagração da Sé Catedral, em 1089⁷¹ e, no século XII, com a sua constituição como couto eclesiástico, em 1112, irão determinar a sua revitalização urbana.

A nova Catedral, de traça românica, mandada construir pelo arcebispo D. Pedro, vai exercer um papel destacado na organização do núcleo urbano, cujo papel central será reforçado pela edificação de outros edifícios religiosos, como a Escola Episcopal, bem como vários anexos que se destinavam ao bispo, ao cabido e a serviços administrativos⁷². A realização de obras desta envergadura permite

⁶⁹ Escavações dirigidas pelo Dr. Armandino Cunha do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, a quem agradecemos as informações.

⁷⁰ Lemos e Leite 2000.

⁷¹ Real 2000: 435-511.

⁷² Costa 1997; 2000.

confirmar a existência de um núcleo urbano que dispunha dos necessários recursos humanos e materiais para a sua execução.

Ao que tudo indica, o crescimento da Braga medieval faz-se sentir gradualmente a partir dos inícios do século XIII, facto que parece atestado pela complexificação do sistema viário⁷³ e pela construção de nova cerca fernandina que duplicará a área da cidade alto medieval.

Enquanto as fontes arqueológicas dão conta da destruição da parte norte do anterior sistema defensivo,⁷⁴ as fontes escritas documentam o crescimento da cidade para noroeste e norte, com a construção do paço arquiépiscopal⁷⁵ e do castelo⁷⁶ e a referência a novas ruas.⁷⁷ A edificação paulatina de um novo sistema de defesa, que alarga os limites urbanos alto medievais, irá definir um novo perímetro amuralhado, com novas portas, ultimado nos finais do século XIV (Fig. 6.1), mercê da intervenção régia de D. Fernando e na consequência dos ataques militares realizados a Braga por Henrique de Trastámara⁷⁸.

A conjugação dos dados fornecidos pelo *1º Livro do Tombo do Cabido*, dos finais do século XIV, que regista todas as ruas medievais, bem como as casas que se encontravam emprazadas ao Cabido, com o *Mapa de Braunio* e a cartografia do século XIX, nomeadamente a planta de B. Garcez e M. Maciel, permite definir as características principais do sistema viário e dos quarteirões para cidade baixo medieval⁷⁹.

O plano urbano do século XIV reflete claramente dois tipos de estrutura morfológica. Uma, localizada na parte que se sobrepôs ao plano romano, identificado como Bairro das Travessas, é caracterizada pela regularidade do sistema viário e dos quarteirões, enquanto a outra, decorrente do crescimento da cidade para nordeste e norte, parece claramente influenciada pelo sistema defensivo (Fig. 6.1).

A Rua Verde, localizada no Bairro das Travessas, aparece referida, nos finais do século XIV, como uma artéria que “*vay toda direyta desda cruz da Çapataria ataa o Postigo da Cividade ...*”⁸⁰, situação que se continua a verificar no século XV, quando é identificada como “*Rua Verde, como vai toda direita desde o canto da sapateira até ao Postigo da Cividade*”⁸¹. Trata-se, por conseguinte, de uma longa

⁷³ Ribeiro 2008, I: 328-330.

⁷⁴ Fontes *et al.* 1997-98; Lemos *et al.* 2001.

⁷⁵ Marques 1983.

⁷⁶ Marques 1986.

⁷⁷ Ribeiro 2008, I: 328-330.

⁷⁸ Marques 1983.

⁷⁹ Ribeiro 2008, I: 411-482.

⁸⁰ A.D.B., *1º Livro do Tombo do Cabido*, fl. 124; Ribeiro 2008 I: 416.

⁸¹ A.D.B., *Livro 2 dos Prazos das Propriedades do Cabido*, fl. 63v, de 1481 (transcrição paleográfica de Maria da Conceição Falcão Ferreira); Ribeiro 2008, I: 417.

rua, orientada N/S, com início num postigo da muralha, designado de Postigo da Cidade, terminando na Rua dos Burgueses, ligando-se aí à Rua da Sapataria. Aproximadamente a meio do seu percurso, do lado nascente, liga-se à Rua das Travessas, atual Rua Afonso Henriques.⁸²

Esta artéria é a mais ocidental do espaço medieval intramuros, encontrando-se no tramo sul, junto da muralha, pouco urbanizada, situação que ainda se verificaria nos finais do século XVI, segundo a sua representação no *Mapa de Braunio* (Fig. 7). Aliás, o topónimo Verde deve derivar precisamente do vasto espaço arborizado, por construir, que existiria nessa zona, nomeadamente na parte sul. Esta circunstância leva-nos a considerar a possibilidade desta zona se ter ruralizado durante o período da Antiguidade Tardia, permanecendo assim até ao século passado, como documenta ainda a planta topográfica de 1883/84.

Os empraçamentos referidos pelo *1º Livro do Tombo do Cabido* assinalam cerca de 10 casas e 3 pardeiros na fachada poente e cerca de 12 casas e 2 pardeiros no lado nascente⁸³. No entanto, haverá que considerar a possibilidade de existirem outros imóveis na rua que não se encontravam empraçados ao Cabido.

A construção pública de maior expressão da Rua Verde, ao longo da Idade Média, terá sido um hospital que se situaria no lado poente,⁸⁴ que seria o menos urbanizado.

Através da referida fonte, ficamos ainda a saber que na Rua Verde existiam diferentes tipos de habitações, onde se incluem as casas pequenas, casas sobradadas, casas terreiras e pardieiros. Esta tipologia encontra-se expressa na representação que consta do *Mapa de Braunio*, do século XVI, enquadrando-se no tipo de casas características dos centros urbanos medievais, predominantemente pequenas, térreas, sendo poucas as que possuíam mais de um piso ou sobrado.⁸⁵ É igualmente bem evidente o predomínio de espaços por construir no interior dos quarteirões, característica que se irá manter nos séculos seguintes.

A partir da conjugação dos dados referidos pelo *1º Livro do Tombo do Cabido* com o *Mapa de Braunio* pensamos que a urbanização da Rua Verde se aproximará daquela que está representada no MRB do século XVIII e no Mapa de F. Goullard do século XIX. A utilização conjugada destas fontes permitiu-nos elaborar uma proposta para a ocupação dos quarteirões e respetivo parcelamento, nomeadamente ao nível das parcelas construídas, espaços verdes e limites da propriedade (Fig. 7).

⁸² Ribeiro 2008, I: 416-420.

⁸³ A.D.B., *1º Livro do Tombo do Cabido*, fls. 124, 124v e 125.

⁸⁴ Oliveira *et al.* 1982.

⁸⁵ Ferreira e Grenville 2003: 359-389; Ferreira 2004: 127-142.

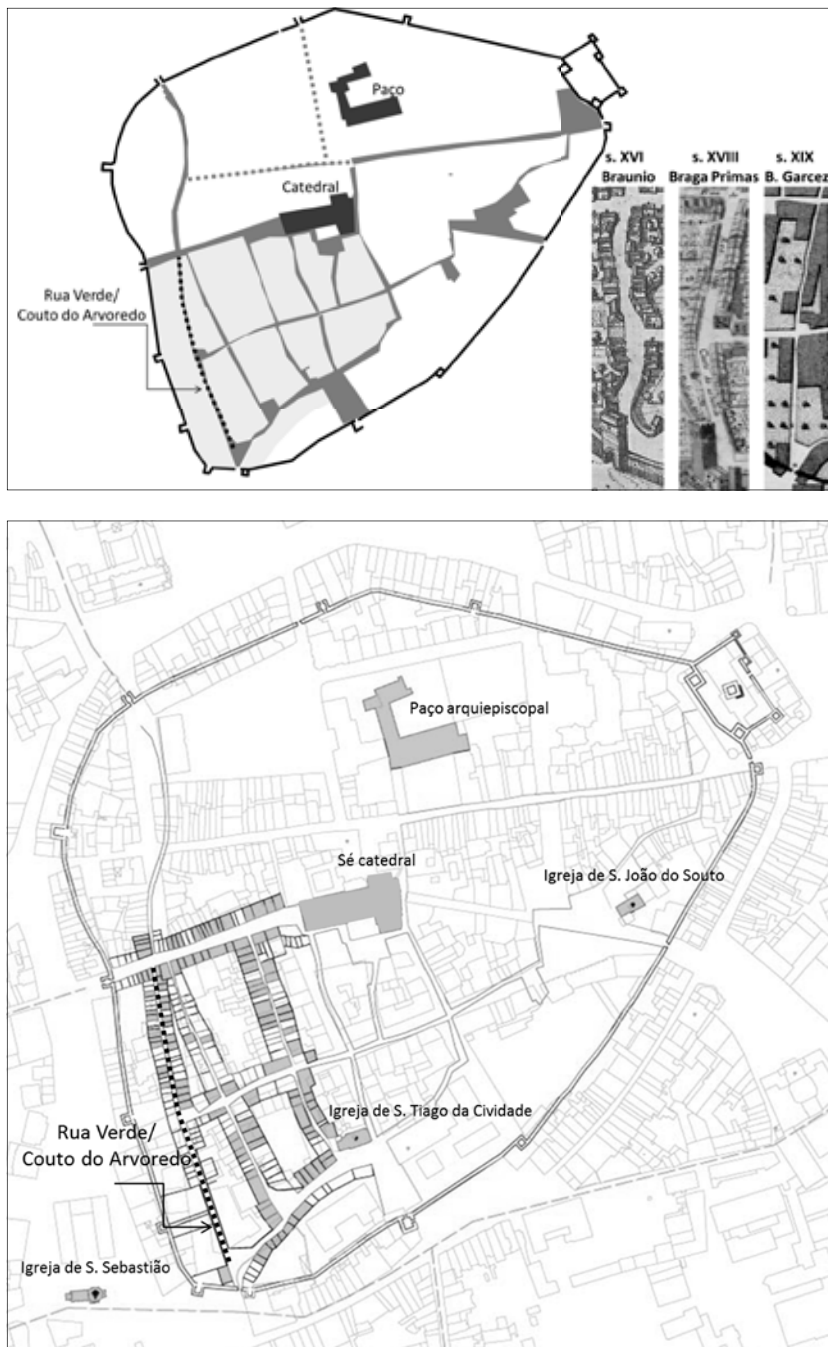


Fig. 6 – 1. Proposta de restituição da cidade baixo-medieval e representação da R. Verde; 2. Proposta de urbanização da Rua Verde/Couto do Arvoredo e das ruas limítrofes (Fontes: MRB e 1º Livro do Tombo do Cabido).

3.3. O urbanismo moderno

A cidade de Braga irá conhecer nos inícios do século XVI, nomeadamente com o governo do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), uma significativa renovação pautada pela criação de novas ruas e praças, mas também pela regularização e alargamento de outras. Também no espaço extramuros, o referido arcebispo criou as condições necessárias para que a cidade crescesse para a periferia nos séculos posteriores, nomeadamente através da abertura de grandes largos em frente das portas da muralha medieval.⁸⁶

A intervenção de D. Diogo de Sousa incluiu, igualmente, a modernização da fisionomia e arquitetura dos edifícios mais emblemáticos da cidade, como a Sé Catedral, o Paço dos Arcebispos e o Castelo, tendo procedido ao melhoramento global das infraestruturas urbanas, ordenando o calcetamento de ruas e praças e renovando o sistema de abastecimento de água à cidade, através da criação de novas fontes e chafarizes, ou da reparação dos já existentes⁸⁷.

Terá sido a conjuntura política, económica e social de Braga que ditou o seu crescimento demográfico e urbano no século XVI, sendo de assinalar que a população havia praticamente duplicado, possuindo aproximadamente 3575 habitantes nos inícios do século XVI, comparativamente aos 1745 rastreados nos finais do século XV.⁸⁸ A continuidade deste crescimento encontra expressão na comparação do *Mapa de Braunio* dos finais de quinhentos, com o *Mapa da cidade de Braga Primas*, de meados do século XVIII, que permite verificar o aumento das áreas urbanizadas na periferia urbana, mas também no espaço intramuros (Fig. 7).

A fisionomia e o parcelamento da Rua Verde, na representação do MRB, apresentam-se muito coincidentes com os que podem inferir-se do *Mapa de Braunio*, circunstância que nos permite admitir que fossem igualmente idênticas na Idade Média.

A confrontação dos dados representados no MRB com os empraçamentos do Cabido para o século XVI, constantes no *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*,⁸⁹ permitem adiantar uma proposta de urbanização para o sector em análise neste trabalho, como se apresenta na figura 8.

A maior alteração do plano urbano medieval ao longo da Idade Moderna deve ter ocorrido precisamente ao nível do tipo de edificações, muito embora seja pos-

⁸⁶ Ribeiro 2009/2010: 179-201.

⁸⁷ Ribeiro 2008, I: 512.

⁸⁸ Marques 1983.

⁸⁹ VVAA 1989-91, II.

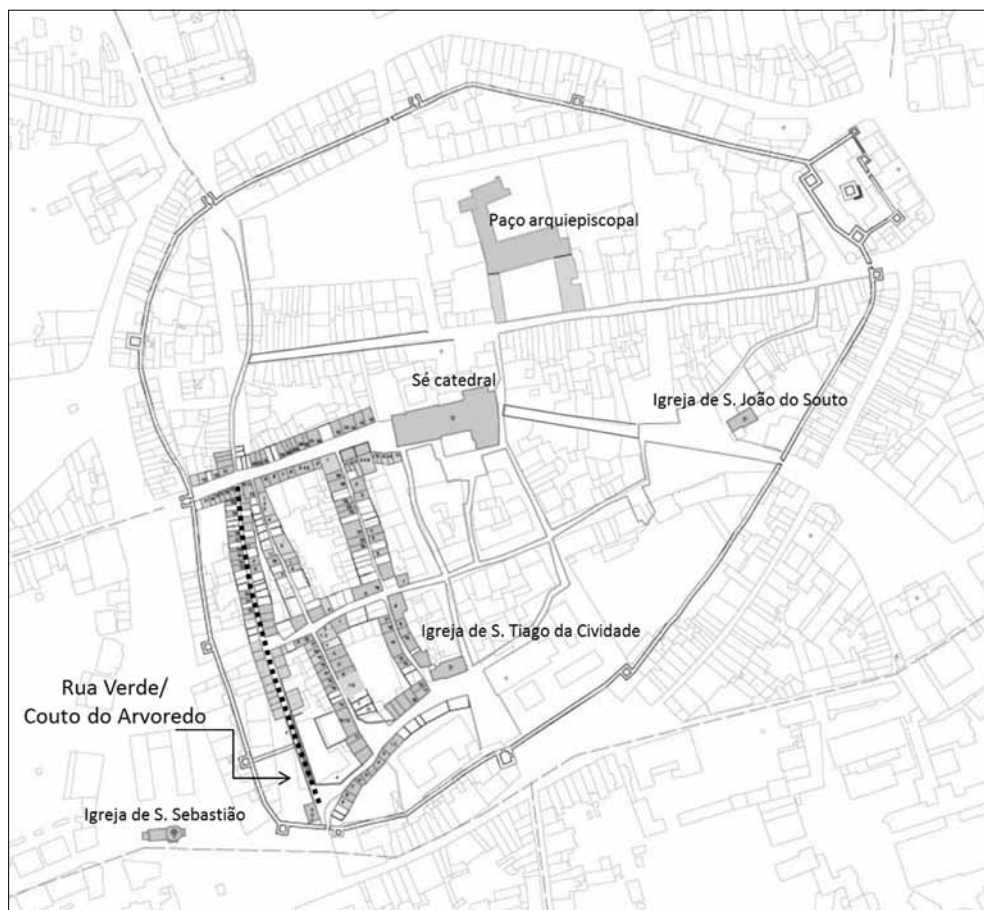


Fig. 7. Morfologia da cidade de Braga no século XVI com proposta de parcelamento (Fontes: MRB e *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*).

sível verificar através do MRB a existência de casas muito simples, algumas delas ainda térreas, embora já maioritariamente de dois pisos.⁹⁰

Através da análise do MRB ficamos a saber que, em meados do século XVIII, esta rua se encontrava dividida em duas: uma situava-se a norte da Rua das Travessas, mantendo o nome de Rua Verde, enquanto a outra, situada a sul, chamava-se Couto do Arvoredo. No lado poente existiam 33 casas e no lado nascente 24 casas. Porém, dada a própria extensão da rua e como se pode observar pelo MRB, uma parte significativa do seu lado poente, correspondente ao Couto do Arvoredo, continuava a possuir poucas construções. De facto, a parte norte da rua, que se

⁹⁰ Ribeiro 2008 I: 416-420.

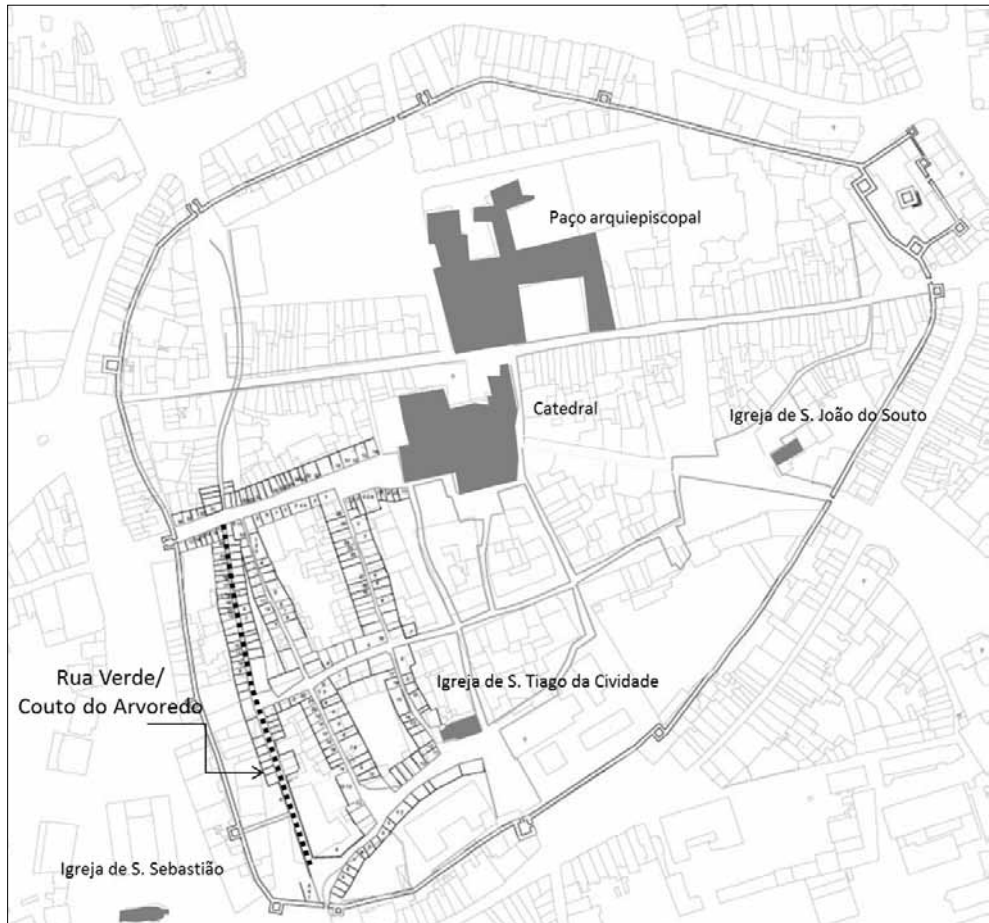


Fig. 8. Planta de Braga no século XVIII com parcelamento (Fontes: MRB e *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*).

aproximava mais da Rua dos Burgueses e da Sé Catedral, seria a mais atrativa e procurada, conhecendo maior número de construções.

3.4. As transformações urbanas do séc. XIX e o fim da Rua Verde/Couto do Arvoredo

O século XIX ditou um conjunto de transformações urbanas, relacionadas com a destruição das portas das muralha medieval e, simultaneamente, com a necessidade de facilitar o trânsito no centro urbano.

Uma das artérias mais afetadas no processo de reorganização urbana foi precisamente a Rua Verde, cujo traçado medieval, herdeiro do romano, foi praticamente

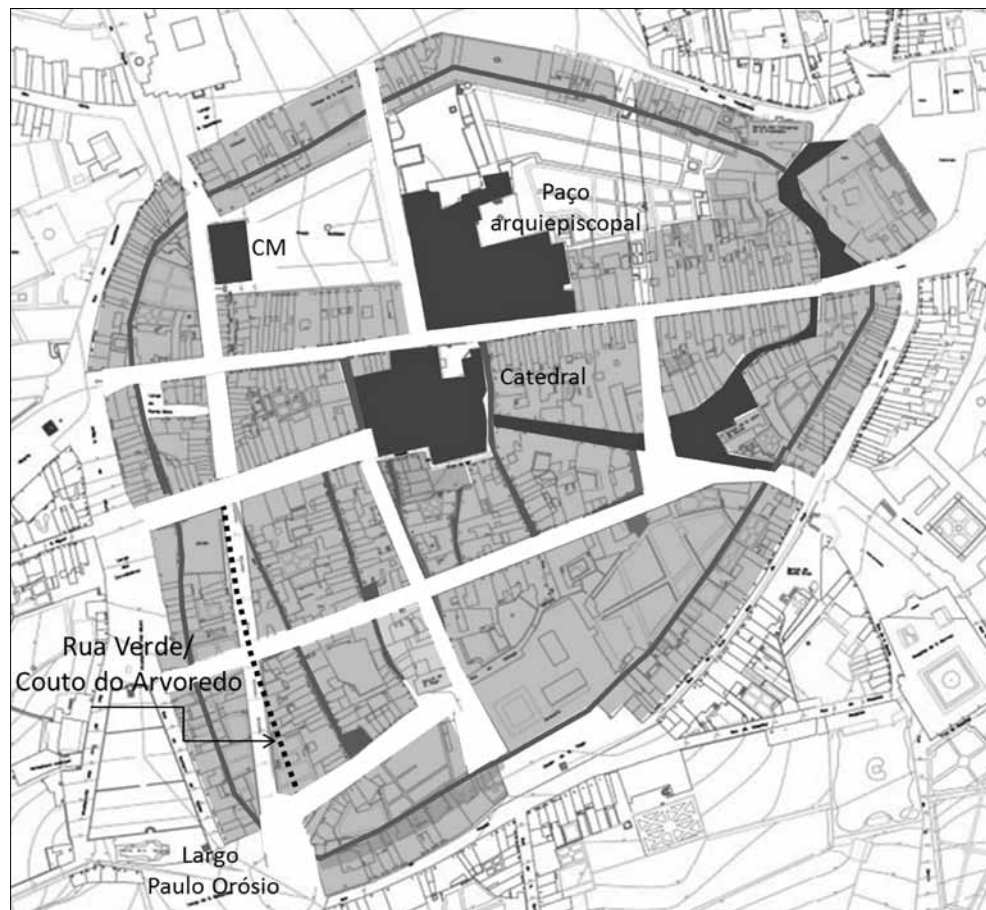


Fig. 9. Planta de Braga nos finais do século XIX (Fonte: Mapa de F. Goullard de 1883-84).

todo alterado nos finais do século XIX. A sua fisionomia medieval conserva-se ainda na planta topográfica de B. J. Garcez e M. B. Maciel, mas encontra-se já alterada no Mapa de F. Goullard, de 1883-84. As alterações ocorridas articulam-se, primeiramente, em 1892⁹¹, com o prolongamento e alargamento da Rua das Travessas, atual Rua Afonso Henriques, até ao Largo das Carvalheiras, que irá romper com a muralha fernandina e dividir fisicamente a rua. Posteriormente, a Rua Verde será destruída com a abertura da atual Rua D. Frei Caetano Brandão, criada em 28-07-1890, por decisão camarária.⁹² A conformação do traçado atual desta artéria ocorreu, contudo, em dois momentos distintos. Inicialmente, apenas foi alterado

⁹¹ Oliveira *et al.* 1982.

⁹² Oliveira 1993.

o tramo sul, permanecendo a parte norte com a configuração medieval, tal como aparece representada ainda no Mapa de 1883/84.

4. ALGUMAS LINHAS DE FORÇA DA EVOLUÇÃO URBANA DE BRAGA

O exercício que nos propusemos realizar neste trabalho, centrado na evolução da área envolvente do eixo viário conhecido por Rua Verde/Couto do Arvoredo, herdeiro do cardo máximo da cidade romana, permitiu avaliar algumas hipóteses relativas à progressiva reconfiguração urbanística do quadrante nordeste da cidade romana que dará origem à cidade medieval e moderna de Braga.

Entre as principais linhas de força que ressaltam da interpretação realizada, tendo por base a utilização de diferentes fontes, destacaríamos, em primeiro lugar, a longa permanência do cardo máximo, fossilizado nas cidades posteriores, que se mantém em toda a sua extensão naquela que foi a sua configuração baixo-imperial. Por se tratar do único eixo romano conservado até finais do século XIX julgamos que a sua sobrevivência se deverá à importância que esta artéria terá assumido, desde o Baixo-Império, enquanto elemento de articulação com a via XIX, através da porta norte da muralha. Na prática, a importância dessa artéria e do seu prolongamento viário no território deveria existir já no Alto Império, tendo sido perpetuada nos períodos posteriores, pelo que terá que ser explicada pela relevância que a área rural, situada a norte da cidade, possuía desde a implantação da cidade romana. Trata-se da extensa veiga do Cávado, onde se encontram os traços mais consistentes e extensos do cadastro romano⁹³ e onde se localizavam várias *villae*, entre as quais cabe referir, porque melhor conhecida, a de Dume,⁹⁴ cujo *fundus* deveria ser considerável.⁹⁵ Julgamos assim que a importância da parte norte do cardo máximo resultará da íntima relação que estabelecia na época romana com a via XIX e, através desta, com o território rural, relação que permanece na Antiguidade Tardia, pois será ao longo do traçado daquele eixo viário que se fundam dois dos mosteiros mais carismáticos da região, o de Dume, no século VI e o de S. Frutuoso de Montélios, no século VII⁹⁶. A importância de Dume, enquanto sede de

⁹³ Carvalho 2008.

⁹⁴ Fontes 1991: 199-230.

⁹⁵ L. Fontes (2011:320) admite que este *fundus* poderia corresponder basicamente aquele que terá sido incorporado no mosteiro de Dume, fundado em meados do século VI e extinto no terceiro quartel do século IX, que deveria aproximar-se do valor de 600Ha, tendo por base a área contemplada na demarcação do termo de Dume, em 911, que confirma uma anterior doação de 870 (Fontes 2011: fig. 4).

⁹⁶ Fontes 2011; 2012a; 2012b.

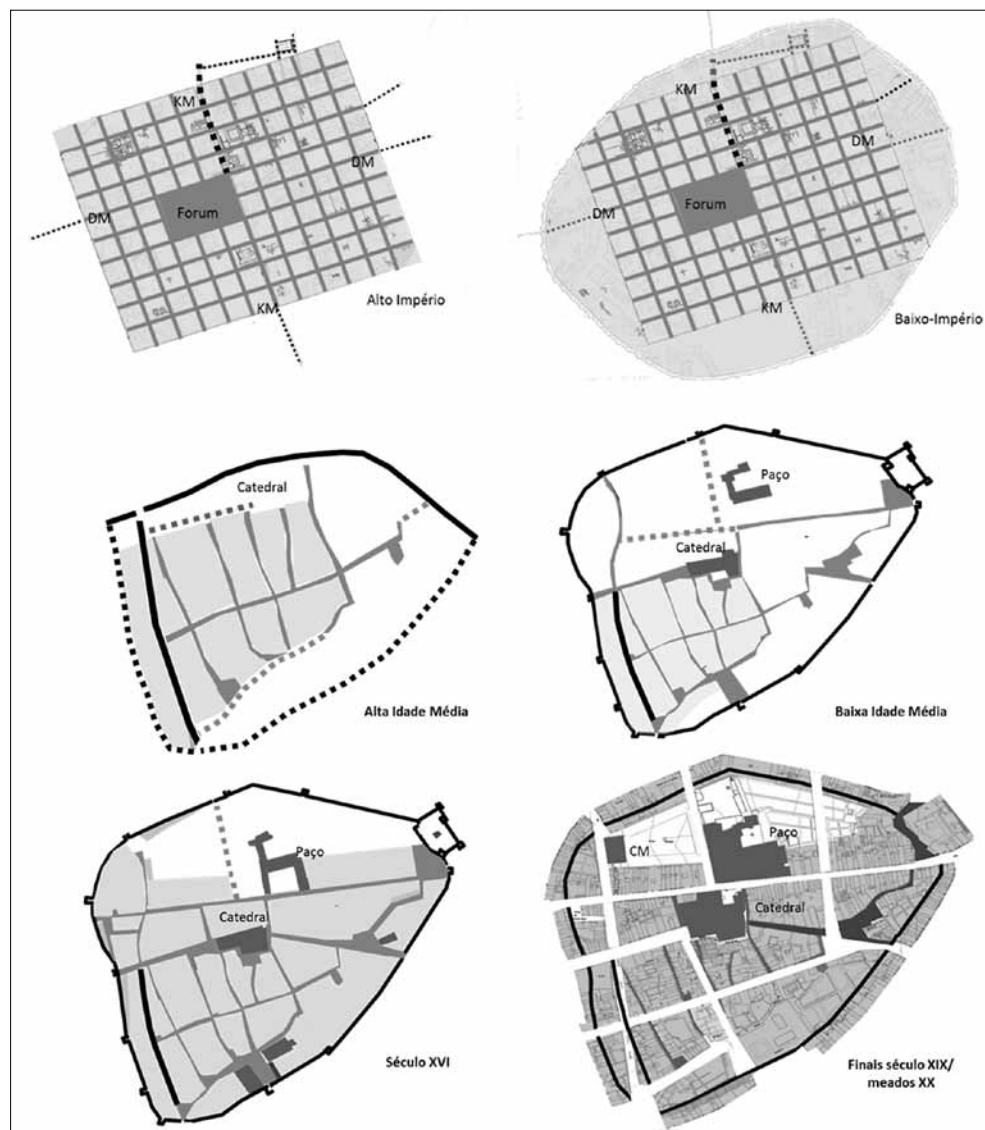


Fig. 10. Síntese da proposta de evolução da cidade de Braga entre o Alto Império e os finais do século XIX.

bispado, durante o reino suevo, onde se construiu uma basílica,⁹⁷ poderá explicar a perpetuação da importância do cardo máximo norte e a sua persistência na estrutura da cidade alto medieval, definida pela construção de uma cerca, cujo traçado, na parte ocidental, abraça a totalidade do referido eixo viário, garantindo

⁹⁷ Fontes 2009b; 2011; 2012a; 2012b.

a sua continuidade nos períodos posteriores, muito embora se tenha tornado um eixo periférico da cidade medieval e moderna (Fig. 10).

Uma outra linha de força articula-se com o processo de transformação orgânica que parece caracterizar a reconfiguração da morfologia urbana no quadrante nordeste da cidade romana durante a tardo antiguidade e a Alta Idade Média. Com efeito, se ainda no século V este setor da cidade se organizaria em função da estrutura dos quarteirões romanos, estamos certos que o avanço da construção sobre os eixos viários, correspondentes aos cardos e decumanos menores, que se intensifica nos séculos seguintes, conduziu ao progressivo abandono dos eixos viários romanos e à abertura de novos arruamentos, que fragmentaram e/ou aglutinaram os anteriores quarteirões. Os processos de reparcelamento que destroem a malha urbana romana e fazem emergir uma nova rede de quarteirões, estruturados em função de um eixo viário E/O, correspondente à futura Rua das Travessas e de novas ruas, orientadas N/S, são difíceis de datar em termos arqueológicos. No entanto, a sistemática ausência de dados construtivos, reportáveis ao período posterior ao século VII, no interior dos quarteirões onde têm sido realizadas numerosas escavações, constitui um argumento em favor de uma datação alto medieval para a estruturação, pelo menos embrionária, do Bairro das Travessas, tal como o conhecemos para os períodos medieval e moderno, tendo por base a topografia do século XIX.

Finalmente, uma terceira linha de força releva do aparente conservadorismo da estrutura urbana do bairro das Travessas, que pouco terá mudado entre a sua fisionomia medieval e o século XIX. Embora a rede viária que se estabeleceu a nascente da Rua Verde/Couto do Arvoredo se encontre desfasada dos anteriores eixos romanos, ela segue a orientação geral da cidade romana, pese embora o carácter sinuoso das ruas. No entanto, cabe referir que a organização do parcelamento, que se estruturou ao longo das ruas, parece fossilizar os eixos de orientação romanos, que ainda persistem no traçado das construções e respetivos quintais traseiros, antes da alteração das ruas e respetivo edificado operada a partir de finais do século XIX, que pode ser recuperado a partir da planta topográfica de Francisco Goullard.

BIBLIOGRAFIA

- Alba, M. Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: Las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda, *Memoria. Excavaciones arqueológicas en Mérida*, 6, 2002: 371-396.
- Bandeira, M.S.M. *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII*, Edições Afrontamento, Porto, 2000.
- Bandeira, M.S.M. *O Espaço Urbano de Braga – obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974)*, dissertação de doutoramento, policopiada, 3 volumes, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, 2002.

- Conde, S. Construções rústicas e urbanas do Médio Tejo nos séculos XV-XVI, in *Construir e habitar: a casa medieval*, CITCEM, Braga, 2011.
- Costa, A.J. (ed. crítica de) *Liber Fidei Sanctae Bracarense Ecclesiae*, I. Braga, 1965.
- Costa, A.J. *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, (2.ª ed., refundida e ampliada), I, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga, 1997.
- Costa, A.J. *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, (2.ª ed., refundida e ampliada), II, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, Braga, 2000.
- Ferreira, J.A. *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (séc. III-XX)*, 4 volumes, Mitra Bracarense, Braga, 1928-1934.
- Ferreira, M.C.F. A casa comum em Guimarães. Entre o público e o privado (finais do século XV, in *Actas do III Congresso Histórico de Guimarães – D. Manuel e a sua época*, III- População e economia, Guimarães, 2004: 127-142.
- Ferreira, M.C.F. e Grenville, J. ‘Urban vernacular housing in medieval Northern Portugal and the usefulness of typologies’, *The Medieval Household in Christian Europe, c. 850-c. 1550, Managing Power, Wealth, and the Body*, Turnhout, Belgium, Brepols Publishers, 2003, pp. 359-389.
- Fontes, L. Salvamento arqueológico de Dume (Braga): resultados das campanhas de 1989-90 e 1991-92, *Cadernos de Arqueologia, Série II*, 8-9, UAUM/MDDS, Braga, 1991: 199-230: <http://hdl.handle.net/1822/10290>
- Fontes, L. O Período Suévico e Visigótico e o Papel da Igreja na Organização do Território, in Periera, P. (coord.), *Minho. Traços de Identidade*, Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga, 2009a: 272-295.
- Fontes, L. A igreja sueva de São Martinho de Dume, nos contextos da arquitectura cristã antiga de Braga e da Antiguidade Tardia do Noroeste de Portugal. *Revista de História da Arte*, 7, *Actas do Ciclo de Palestras Internacional sobre “Arquitectura, Mosaicos e Sociedade da Antiguidade Tardia e Bizantina a Ocidente e Oriente. Estudos e Planos de Salvaguarda”*, FCG / UNL, Lisboa, 2009b: 162-181.
- Fontes, L. Braga e o norte de Portugal em torno a 711, in *711. Arqueología e Historia entre dos mundos*, Zona Arqueológica, 15, Museo Arqueologico Regional de Madrid, 2011: 313-334.
- Fontes, L. O Norte de Portugal ente os séculos VIII e X: balanço e perspectivas de investigação, in *Atas do Simpósio Internacional “Visigodos y omeyas VI. Asturias entre visigodos y mozárabes”*, *Anejos AEspA*, LXIII, CSIC, Madrid, 2012a: 443-474.
- Fontes, L. O norte de Portugal entre os séculos V e XI: o contributo da Arqueologia, in Silva, A.; Raffaeli, J. e Silva, L. (org.), *Atas da IX Semana de Estudos Medievais*, Programa de Estudos Medievais/UFRJ/IH, Rio de Janeiro, 2012b: e-book: ISBN: 978-85-88597-15-0.
- Fontes, L. F.; Lemos, F.S. ; Cruz, M., ”Mais Velho”que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 14/15, série II, Braga, 1997-98: 137-164: <http://hdl.handle.net/1822/10299>.
- Fontes, L.; Martins, M.; Ribeiro, M.; Carvalho, H. P., A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII, *Actas do Congresso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo*, ss. VI-VIII, Toledo, Toledo, Toletum Visigodo, 2010: 255-262: <http://hdl.handle.net/1822/13377>.
- Leite, J.M.F.; Lemos, F.S.L. e Cunha, A. Intervenções arqueológicas realizadas nos edifícios n.º 183/185 da rua Frei Caetano Brandão em 1998-01 n.º 20/26 da rua Santo António das Travessas, em 2001-02, *Trabalhos arqueológicos da UAUM/memórias, Memórias 31*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, 2013. <http://hdl.handle.net/1822/22862>.
- Lemos, F.S. e Leite, J. M. F., *Trabalhos Arqueológicos no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, Forum*, 27, Braga, 2000:15-38.

- Lemos, F.S.; Leite, J.M.F e Fontes, L. A muralha de *Bracara Augusta* e a cerca medieval de Braga, in Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica (500-1500), *Actas do Simpósio Internacional Sobre Castelos*, Palmela, 2001: 121-132.
- Lemos, F.S.; Leite, J.M.F e Cunha, A., A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*, in Rodríguez Colmenero, A. e I. Rodá de Llanza (eds.), *Actas del Congreso Internacional Murallas de ciudades romanas en el Occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma*, Lugo, 2007: 329-341.
- Magalhães, F., *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*, Dissertação de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho, Braga, 2010: <http://hdl.handle.net/1822/13619>.
- Marques, José, *Braga medieval*, Braga, 1983.
- Marques, J. O Castelo de Braga (1350-1450), *Minia*, Série II, 8, ASPA, Braga, 1986: 5-34.
- Martins, M., *As termas romanas do Alto da Cidade. Um exemplo de arquitetura pública em Bracara Augusta*, in M. Martins (coord.), *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*, 1, UAUM / Narq, Braga, 2005: <http://hdl.handle.net/1822/13410>.
- Martins, M. *Bracara Augusta*. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo, in D. Dopico Caínzos, M. Villanueva Acuña y Rodríguez Alvarez (eds.), *Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*, Lugo, 2009: 181-211.
- Martins, M.; Ribeiro, R.; Magalhães, F., A arqueologia em Braga e a descoberta do teatro romano de *Bracara Augusta*. *Forum*, 40. Braga, 2006: 9-30: <http://hdl.handle.net/1822/13345>.
- Martins, M. e Fontes, L., *Bracara Augusta*. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia romana, in *Simulacra ROMAE II*. Rome, les capitales de province (*capita prouinciarum*) et la création d'un espace commun européen. Une approche archéologique (Reims, Novembro de 2008), *Bulletin de la Societé archéologique champenoise*, Mémoire n.19, Reims, 2010: 111-124.
- Martins, M.; Ribeiro, J.; Magalhães, F. e Braga, C. Urbanismo e arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer, in Ribeiro, M.C. e Melo, A. (coord.), *Evolução da Paisagem urbana. Sociedade e Economia*, CITCEM, Braga, 2012: 29-68: <http://hdl.handle.net/1822/19522>.
- Martins, M., Mar, R., Ribeiro, J., Magalhães, F. A construção do teatro romano de *Bracara Augusta*, in Melo, A. e Ribeiro, M. C. (org.), *III Colóquio Internacional História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*, CITCEM, Braga, no prelo.
- Mateus Cruz, P. e Caballero Zoreda, L. El paisaje urbano de Augusta Emerita em época tardoantigua (siglos IV-VII), in Álvarez Martinez, J. M. e Mateus Cruz, P. (eds.), *Actas Congreso Internacional 1910-2010. El Yacimiento Emeritense*, Mérida, 2011: 505-520.
- Maurício, R. *O mecenato de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga (1505 1532)*, Vol. I e II, Urbanismo e arquitectura, Magno Edições, Lisboa, 2000.
- Oliveira, E.P. Estudos sobre o século XVIII em Braga. História e Arte, Edições APPACDM Distrital de Braga, Braga, 1993.
- Oliveira, E. P.; Moura, E. S. & Mesquita, J. Braga. Evolução da estrutura urbana, Câmara Municipal de Braga, Braga, 1982.
- Real, M. O projecto da catedral de Braga, nos finais do século XI, e as origens do românico português”, *Actas IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*. Congresso Internacional, vol. I, Faculdade Teologia/Cabido de Braga, Braga: 435-511.
- Ribeiro, M.C. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma A metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano*, Dissertação de doutoramento (policopiada), Universidade do Minho, Braga, 2008: <http://hdl.handle.net/1822/8113>.

- Ribeiro, M.C., A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna. Síntese de resultados, *Forum*, 44-45, Braga, 2009/2010: 179-201: <http://hdl.handle.net/1822/13437>.
- Ribeiro, J., *Arquitectura romana em Bracara Augusta: uma análise das técnicas edilícias*, Dissertação de doutoramento (policopiada), Universidade do Minho, Braga, 2010: <http://hdl.handle.net/1822/12232>.
- Ribeiro, J.; Martins, M.; Magalhães, F. e Peñin, R. Transformações urbanísticas tardo antigas na área envolvente do teatro romano de Bracara Augusta, in Atas do *International Medieval Congress*, Lérida, 2013, no prelo.
- Rodrigues, M. C. L. B.; Alfénim, R. A. E.; Lebre, A. G., Escavação arqueológica de emergência no cruzeiro do transepto da Sé de Braga, notícia preliminar, in *Actas do Congresso Internacional do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, I, Faculdade de Teologia /Cabido da Sé, Braga, 1990: 173-188.
- Nunes, H. B. Uma Imagem Inédita de Braga no Século XVII, *Forum*, 15/16, Braga, 1994: 21-23.
- VVAA *Mapa das Ruas de Braga*, 2 volumes, Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho e Companhia IBM Portuguesa, Braga, 1989-91.

Resumo: Este trabalho representa um contributo para a compreensão da evolução morfológica da cidade de Braga na longa duração, centrando-se num setor que corresponde à periferia ocidental da cidade medieval e moderna, a qual está representada pelo eixo viário conhecido, entre a Idade Média e o século XIX, como Rua Verde/Couto do Arvoreda e áreas limítrofes. A escolha desta área resulta do facto da referida rua corresponder na sua génese ao traçado da parte norte do cardo máximo da anterior cidade romana, bem como ao tramo inicial da via XIX, que viria a ser integrado no espaço intramuros, definido pela muralha do Baixo-Império. Trata-se de uma via bem documentada arqueologicamente, quer na sua original configuração romana, quer na sua posterior feição medieval e moderna, constituindo o único eixo viário de origem romana que perdurou até ao século XIX, momento em que foi cortado pela implantação da parte sul da atual Rui Frei Caetano Brandão. Assim, este trabalho tem por objetivo caracterizar as transformações urbanas ocorridas na área envolvente do referido eixo viário, tendo em vista verificar as continuidades e descontinuidades do tecido urbano romano no posterior traçado medieval da parte ocidental do Bairro das Travessas, verificar a evolução da urbanização da Rua Verde/Couto do Arvoreda, entre a época medieval e moderna, bem como a reorganização operada neste setor da cidade pela abertura de um novo eixo viário nos finais do século XIX.

Palavras-chave: Evolução Urbana; morfologia urbana; topografia urbana; Rua Verde; Braga

Abstract: This paper represents a contribution towards the understanding of the long term morphological evolution of Braga focusing on a sector that matches the western outskirts of the medieval and modern towns, which is represented by the street known between the Middle Ages and the XIX century as Rua Verde/Couto Arvoreda and its bordering areas. The selection of this area arises from the fact that the considered street matches its origin in the northern part of the former Roman *cardo maximus* including the initial stretch of Via XIX that was integrated into the intramural space set by the lower Empire wall. This is a well archaeologically documented street, either in its original Roman setting, either in its subsequent medieval and modern feature being the only road axis of Roman origin that lasted until the nineteenth century time it was cut off by the southern part of Rua Frei Caetano Brandão. This study aims to characterize the urban changes occurring in the area surrounding the referred road axis in order to verify both the continuities and changes in the urban fabric in the western part of the medieval “Bairro das Travessas”, to check the urbanization evolution of Rua Verde/ Couto do Arvoreda, between the medieval and modern times, as well as reorganizing operated in this section of town by the opening of a new street in the late nineteenth century.

Keywords: Urban evolution; urban morphology; urban topography; Rua verde; Braga